

denominação  
**Fazenda Santana**

código  
**AIII - F8 - Val**

localização  
**Rodovia RJ-143, distrito-sede**

município  
**Valença**

época de construção  
**séc. XIX**

detalhamento do estado de conservação  
**no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

proprietário  
**particular**



situação e ambiência

A fazenda está localizada na margem da estrada de acesso ao distrito de Conservatória, sendo possível avistar a casa-sede. Implantada no alto de uma elevação, dominando a paisagem, de tal forma que, quem passa pela estrada, não pode deixar de apreciá-la.



06



07

coordenador / data  
equipe  
histórico /revisão

**Tania N. Kashiwakura Oliveira - nov 2007**  
**Ana Vivien L. Bautista, Paulo Ariel Geraldo da C. Dias**  
**Adriano Novaes / Fernando Pozzobon**

revisão / data  
**Alberto Taveira - mar 2008**

A casa-sede está implantada no alto de uma elevação dominando a paisagem. Devido à topografia do sítio em questão, ela se apresenta como um casarão de um pavimento sobre porão habitável, em trecho paralelo à fachada lateral direita.

Próximas à casa-sede, encontramos duas construções novas. Uma destinada aos cômodos de serviço e outra ao lazer da família e convidados, contando com área para churrasqueira e piscina.

Afastada da casa-sede, em cota abaixo, encontramos os remanescentes da área de trabalho para produção do café, consubstanciados em engenho e, possivelmente, uma senzala. Essa construção, que acreditamos ser um remanescente da senzala, se encontra completamente descaracterizada, devido à adaptação de uso para dependências de empregados, escritório para o administrador e estábulo para cavalos, não sendo possível a leitura de sua configuração interna original. Onde hoje encontram-se várias construções de apoio à casa-sede, existia outrora o terreiro de secagem do café.

Diante dessas informações, percebemos que o tipo de ocupação predominante em que a casa-sede “fechava um dos lados de um grande espaço quadrangular, em torno do qual agrupavam-se também dependências – senzala, a tulha, engenho e as oficinas”<sup>1</sup> não foi adotado como modelo nesta fazenda.

1. Miranda, A. R., Czajkowski, J. Fazendas Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



100



04

De acordo com a análise arquitetônica das casas-sede, divididas em cinco categorias, extraídas do livro *Fazendas Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, de autoria de Alcides da Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, a casa-sede da Fazenda Santana se enquadra no quinto tipo, “o casarão de um só pavimento, ou de um pavimento sobre porão alto. Sua principal característica, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Em alguns casos essa cobertura assume as dimensões de um pórtico ou varanda, muitas vezes apoiadas sobre colunatas de ferro. A casa sobre porão alto – ou habitável – parece ser a de origem mais antiga. São deste gênero, no século XVIII, numerosas quintas portuguesas e alguns solares brasileiros, como a Casa do Conde dos Arcos, em Salvador. Na transposição para a fazenda, esse tipo de residência fidalga sofre a simplificação de praxe, mas guarda a relação hierárquica entre o térreo e o piano nobile, o que o diferencia do sobrado, onde os dois pavimentos têm a mesma altura e geralmente servem, ambos, para habitação. O gosto pela casa térrea sobre porão baixo certamente se originou nas chácaras suburbanas, que se popularizaram durante o século XIX, e daí se espalharam tanto para o campo quanto para as cidades. Segundo A. C. da Silva Telles, térreas foram, preponderantemente, as grandes casas urbanas dos barões do café, em Vassouras/RJ. Também nas fazendas a ausência do sobrado não significa, necessariamente, uma diminuição na importância do estabelecimento, como demonstra a Fazenda Santarém, em Bemposta/RJ. E se algumas das casas menores foram sedes secundárias de grandes proprietários rurais, construídas para serem ocupadas por seus filhos ou administradores, as outras respondem a um retraimento que os destinos da monocultura começavam a impor.” (Fig. 01 e Fig. 02, fotos 02 e 03).

A principal característica dessa categoria, como foi dito anteriormente, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Conseguimos encontrar essa característica na fachada dos fundos, na entrada de acesso à cozinha, o que difere esse exemplar dos outros arrolados nessa categoria. Se em algum momento da história dessa fazenda existiu essa característica ao centro da fachada principal, não podemos afirmar. Não existe nenhum indício no local ou dados históricos sobre o assunto.

Configura-se em planta como um trapézio, tendendo a um quadrado, que tem ao centro um pátio interno descoberto.

Analisando o seu interior, observamos que ela apresenta cinco acessos no pavimento porão e três acessos no pavimento nobre. O porão é utilizado para fins de lazer, com salas de televisão e jogos. Nesse porão encontramos uma escada circular metálica, de acesso ao piso residencial, que se caracteriza como uma intervenção posterior. As entradas principais da residência estão localizadas nas fachadas frontal e de fundos.

Devido a sucessivas alterações, com o intuito de adaptá-la às necessidades de moradia, não foi possível uma leitura correta da configuração interna da atual casa-sede. É clara a presença de intervenções posteriores, como a criação de compartimentos para banheiros e despensa, com a conseqüente abertura de vãos. Tal afirmação é possível se analisarmos sua configuração em planta e também suas fachadas, notando que a referida sede foge do sistema de proporções, relação e ritmo estabelecido por uma arquitetura de base clássica.

Próximas à casa-sede existem duas construções, uma destinada a compartimentos de serviço e outra utilizada como lazer da família e seus convidados.

Ao centro das construções do engenho e da provável senzala, existia, possivelmente, o terreiro de secagem do café. Hoje, encontramos no local várias construções de apoio (f.04, 05, 06 e 07).

Os beirais do conjunto apresentam diversa conformação. Na casa-sede há detalhes em mão francesa; no engenho, acabamentos decorados em madeira à moda de lambrequins, que estão descaracterizados na senzala.

Os vãos de portas e janelas apresentam vergas retas com cercaduras em madeira, mantendo, como tipos de janelas, esquadrias em guilhotinas, venezianas e folhas cegas. Nas portas, há esquadrias em folhas cegas; em madeira e vidro com bandeira fixa; em folhas cegas com bandeira fixa e em folhas almofadadas.

A técnica construtiva presente é a característica das construções do período do café, mantendo estrutura autônoma de madeira de seção quadrada com embasamento em pedra e vedações em pau-a-pique. Porém, não foi realizada prospecção que comprove essa técnica construtiva nas construções existentes.



02



03



05



08



09



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



29



43

Foi observada, durante o levantamento da edificação, a execução de pintura externa, como forma de manutenção periódica da casa-sede.

Notou-se a inserção de escada circular metálica na sala de estar, para acesso ao porão da casa-sede (f.10).

Foi colocado vitral decorativo, em frente ao *hall* de entrada H da casa-sede (f.11).

Constatou-se a existência de pinturas decorativas na sala de jantar SJ1 da casa-sede (f.12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21).

As instalações elétricas estão sem proteção no porão da casa-sede, na senzala e no engenho (f.22, 23 e 24).

Na casa-sede, quando da criação de nova compartimentação, como banheiros e despensa, foram construídas várias alvenarias, principalmente em tijolos cerâmicos. Observou-se mancha de umidade nas paredes da sala de jantar SJ1 e do porão (f.25, 26, 27 e 28), bem como a abertura de novos vãos (f.04 e 29) e a modificação de janela para porta, na fachada lateral direita (f.06).

Nas paredes dos remanescentes da senzala, do engenho e da construção próxima à casa-sede (serviço), há manchas de umidade e trechos com degradação do reboco (f.30, 31 e 32). Há, também, substituição por tijolo maciço e demolição, de alvenarias históricas de pau-a-pique, bem como a construção de novas, no engenho e senzala (f.33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39). Foram notadas, em muitas dessas alvenarias, a presença de fissuras (f.40, 41 e 42) e a abertura e o fechamento de vãos, na senzala e no engenho (f.33, 42 e 43).

Não foi notada nenhuma patologia na cobertura da casa-sede. Entretanto, nas dos remanescentes da senzala, engenho e construção próxima a casa-sede (serviço), foram substituídas telhas cerâmicas (bicas) e percebida a presença de telhas quebradas (f.45, 46 e 47), bem como a substituição do madeiramento do telhado, por peças de menor qualidade e seção (f.48).

A estrutura de madeira da casa-sede apresenta peça de madeira seccionada (barrote) (f.53). Foi observada a execução de pilar em tijolo maciço para apoio de um barrote (f.54). Foram utilizadas peças de madeira de inferior qualidade e com menor seção estrutural (f.55) e também inseridas chapas metálicas para fixação dos barrotes (f.56).

Já na estrutura de madeira dos remanescentes da senzala, engenho e construção próxima à casa-sede (serviço), observou-se a execução de escoras nos trechos apodrecidos da senzala (f.49, 50 e 51).



22



23



25



28



30



31



32



33



34



36



37



39



40



42



44



45



46



47



48



49



50



51



53



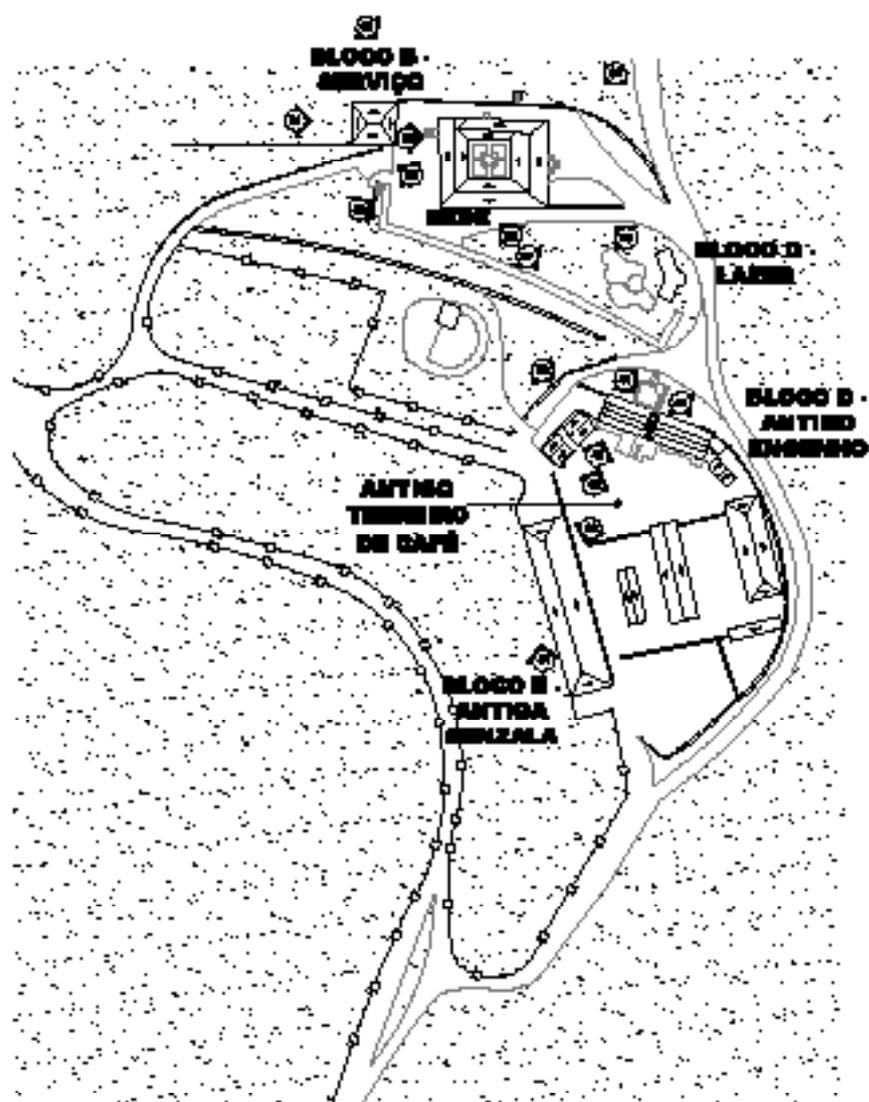
54



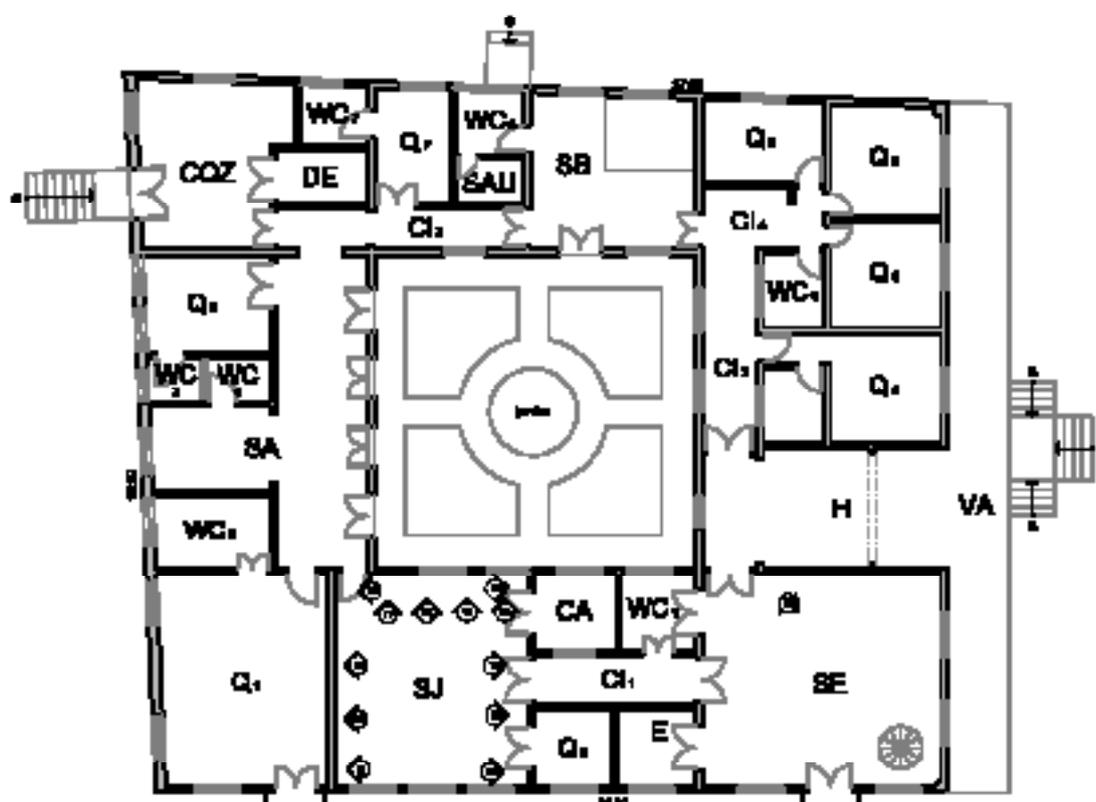
55



56



**1** FAZENDA SANTANA  
 Planta de Situação escala 1:5000  
 0 10 20 30



1 Fazenda do São - Três escala: 1/50



1 FAZENDA SANTANA  
Fazenda do São - Três escala: 1/50



CA - cozinha    COZ - cozinha    Q - quarto    SAU - suíte    EE - sala de estar    VA - varanda    ----- elemento oculto  
 Cl - closet    DE - despensa    SA - sala de almoço    SB - sala de banho    SJ - sala de jantar    WC - banheiro

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F05 - Val

2/2

autor: Tânia N. Koshlencourt Ana Vivian Baurista/ Paulo Arlindo G. Dias

desenhista: Tânia N. Koshlencourt

realizador: Francysla Bouquet

data: nov 2007

A fazenda Santana teve origem nas terras da sesmaria concedida a João da Silveira Caldeira e permaneceu durante muito tempo inexplorada até que, por volta de 1830, foi adquirida por Francisco Martins Pimentel, açoreano que já explorava a sesmaria vizinha desde 1809, onde fundou a Fazenda Santa Tereza.

Em 1853, Francisco fez sociedade com o também português e genro, Antônio Ferreira Poyares, a fim de explorar as terras virgens de Santana. Com a morte repentina de Pimentel no ano seguinte, os herdeiros resolveram dar baixa na sociedade. A esposa de Poyares, D. Cândida, herdou a Fazenda de Santana. Poyares foi responsável pela construção da sede e das demais benfeitorias que compunham a unidade de produção de café da fazenda.

Conta a tradição que a implantação da unidade de produção de Santana não foi onde hoje ela se encontra. A atual teria sido construída na década de 1880 e distante da antiga. Os motivos sobre a mudança da sede da fazenda ainda são um mistério. A mesma tradição conta também que um membro da família Poyares teria atado fogo no próprio corpo e por consequência incendiado a casa de vivenda. Por este motivo, os demais parentes teriam tomado a iniciativa de reconstruir a sede da fazenda em outro lugar. O fato nesta história é que em Santana existe um sítio situado a poucos quilômetros da atual sede, onde há um conjunto de ruínas que indicam ser a base de uma grande casa.

Outro dado interessante que confere com a “lenda” é que, numa prospecção recente realizada nas bases e paredes da atual sede, foi constatado que parte do material utilizado na construção é madeira reciclada, além das esquadrias aproveitadas. Foram encontradas também madeiras de barrotes parcialmente queimados.

Cândida Pimentel Poyares faleceu em 1878, e seu marido Antônio em 1881. O casal teve três filhos. Por herança, Santana passou ao casal Clara e Lúcio Martins Pimentel, que permaneceram em posse da fazenda até as primeiras décadas do século XX.

Em 1922 a fazenda pertencia a Miguel Monteiro de Barros. Depois de passar anos em posse da família Meireles, Santana foi adquirida por Antônio Dias. Atualmente a fazenda Santana pertence a Mário César de Biase.

